

Frei Osvaldo Coronini e a expansão da escolarização no Maranhão¹

Maria Aparecida Corrêa Custódio²
Janeth Carvalho da Silva Cardoso³

Resumo: Este estudo explora a ação de um frade-inspetor de ensino – Osvaldo Coronini – que enveredou pelo trabalho de supervisão de escolas primárias no município de Imperatriz (1966-1973). São investigadas as estratégias político-educacionais desse capuchinho italiano comprometido com a expansão do ensino público, no contexto da ditadura militar e das ambíguas relações de poder no âmbito local.

Palavras Chave: Capuchinhos, escola pública, Maranhão/Brasil.

Abstract: This study explores the action of a teaching friar inspector – Osvaldo Coronini – who worked on supervision of primary schools in the city of Imperatriz (1966-1973). It investigates the political and educational strategies of that Italian Capuchin to the expansion of public education in the context of military dictatorship and ambiguous power relations at the local level.

Keywords: Capuchins, public school, Maranhão/Brazil.

Esta investigação se propõe a enriquecer as pesquisas em andamento sobre a história da educação do interior do Maranhão, a partir da análise das práticas educativas da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos (OFMC). Como mostra o historiador Carlo Ginzburg (2004) em suas narrativas históricas, nos processos de pesquisa alguns achados sempre surpreendem. Em levantamento de documentos sobre a ação educacional capuchinha nas várias cidades do Maranhão, foram encontrados registros sobre um frade-inspetor de ensino de escolas primárias do município de Imperatriz, que atuou no contexto da ditadura militar, entre 1966 e 1973: trata-se do italiano Osvaldo Coronini (1932-2008), que pode ser considerado um empreendedor do ensino público em Imperatriz e região.

Cabe salientar que, nesse percurso de pesquisa, chamou a atenção a farta documentação do Arquivo Histórico dos Frades Capuchinhos de São Luís (MA), que dispõe de um acervo variado sobre a vida e a missão de Osvaldo Coronini no Maranhão. De fato, nesse arquivo há documentos pessoais, *curriculum vitae*, relatórios, portarias de nomeação para o cargo de inspetor de ensino, provisões para o mandato de vigário e pároco, cartas avulsas (recebidas e enviadas pelo frade), livro de crônicas e necrológios editados pela Ordem capuchinha (estes fornecem uma pequena biografia de Osvaldo e revelam o que os capuchinhos retêm de sua memória e o que desejam preservar e propagar). Além da pesquisa arquivística, foram realizadas visitas domiciliares junto a lideranças e professoras que conheceram o frade, especialmente de Coquelândia, onde ele morou e trabalhou intensamente (na atualidade, é o maior

¹ Artigo revisado e ampliado a partir da versão apresentada no XI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação (2016). É parte dos projetos do Grupo de Pesquisas sobre História das Instituições, Práticas Educativas e Sujeitos Históricos (UFMA – *campus* Imperatriz), certificado pelo CNPq.

² Doutora em Educação pela USP. Professora adjunta na Universidade Federal do Maranhão (*campus* Imperatriz). *E-mail* para contato: mapcocardostudio@yahoo.com.br.

³ Mestranda em Educação na Universidade Federal do Maranhão. *E-mail* para contato: janethascom@htmail.com.

povoado rural de Imperatriz; inclusive, recebeu a tocha olímpica quando esta passou na cidade, em junho de 2016, rumo aos Jogos Olímpicos Rio 2016).

Um frade estrategista

Lendo a documentação primária, logo impressiona a trajetória de Osvaldo Coronini, permeada por muitas façanhas e controvérsias. Em primeiro lugar, ele trabalhou arduamente pela expansão do ensino primário na região de Imperatriz, onde havia poucas escolas e um analfabetismo histórico. Para se ter uma ideia, transcorridos quase 100 anos de fundação do município, apenas 28% da população era alfabetizada, conforme indicou o recenseamento de 1950 (IBGE, 1959, p. 198). Em todo o Maranhão, a escolarização primária beneficiava apenas 36% das pessoas em idade escolar e o estado possuía um dos índices mais elevados de analfabetismo (cerca de 74%), segundo explicou o governador da época, José Sarney Costa (MARANHÃO, 1967, p. 36), à Assembleia Legislativa.

Até a década de 1960, Imperatriz era um local de difícil acesso, ficando isolado do restante do Maranhão e do Brasil. O município desenvolveu-se somente após a construção da Estrada para Grajaú e da Rodovia Belém-Brasília (CABRAL, 1992). Essa realidade repercutiu no campo educacional, trazendo uma imensa demanda de escolarização e sensibilizando agentes como Osvaldo Coronini, que instalou uma escola de alfabetização em cada capela administrada pelos capuchinhos, direcionada para crianças, e algumas escolas noturnas voltadas para a população adulta.

Nos documentos, ele mesmo denomina esse projeto de “Capelas-Escolas”⁴ e se mostra um exímio coordenador pedagógico do corpo docente, acompanhando passo a passo o cotidiano das salas de aula e a formação das professoras (a maioria era professora leiga). E, como homem religioso que era, o frade aproveitava a ocasião para recrutar as professoras para a catequese das crianças que frequentavam as capelas que sediavam as escolas.

Como se pode verificar, sua iniciativa se deu no momento em que ocorriam uma explosão demográfica em Imperatriz e, conseqüentemente, uma grande demanda de alfabetização no contexto do desenvolvimento trazido pela construção das rodovias estaduais e federais. Na época, a população com maior poder aquisitivo podia recorrer à escola das freiras capuchinhas, a Escola Santa Teresinha, existente até os dias de hoje. Todavia, as famílias mais pobres, sobretudo dos povoados, ficavam à mercê do Estado, da vontade política dos prefeitos e dos poucos recursos financeiros para o financiamento do ensino público.

Aliás, apenas em 1935 foi criada a primeira escola municipal de Imperatriz, a Escola Humberto de Campos, tendo em vista o grande número de crianças em idade escolar sem atendimento, as “repetidas” recomendações do governador e a necessidade de proteger a infância, combater o analfabetismo e fazer os “poderes públicos não descuidarem na criação de escolas nos centros populosos” (IMPERATRIZ, 1935a, 1936a). Embora até o momento não se tenha acesso à

⁴ Em 1967, no âmbito estadual, o governador José Sarney Costa (MARANHÃO, 1968, p. 46) criou um programa de ensino elementar rural denominado Projeto João de Barro. Provavelmente precário como o próprio nome sugere (João de Barro metaforiza instalações pequenas com apenas uma porta de entrada/saída), o projeto consistia na construção, pelas comunidades de povoados, de escolas rudimentares para alfabetização de crianças, jovens e adultos, com professores treinados e remunerados pela Secretaria de Estado da Educação e administrações municipais. Entre 1970 e 1971, houve um crescimento de 110% desse tipo de escola, beneficiando cerca de 80 mil estudantes, segundo relatou o sucessor de Sarney, à Assembleia Legislativa, governador Pedro Neiva de Santana (MARANHÃO, 1972, p. 25).

documentação municipal do período 1937-1949, observa-se que a criação de escolas primárias rurais em Imperatriz foi intensa entre 1950 e 1957, mas a precariedade era notória: contratavam-se “professoras leigas” e criavam-se escolas “ambulantes”, instaladas onde fosse julgado necessário, sendo que poderiam ser deslocadas a qualquer momento, pois funcionavam com tempo determinado (IMPERATRIZ, 1957a, 1957b). Ou seja, o governo local dos anos 1950 oficializava uma prática já conhecida, haja vista a rotatividade e a efemeridade da primeira escola municipal, a Humberto de Campos (IMPERATRIZ, 1935b, 1936b).

Talvez pensando nessas questões e sendo reconhecido como detentor de um significativo capital social (BOURDIEU, 1980), enfim, um agente qualificado da incipiente localidade, Osvaldo Coronini aceitou o cargo de inspetor de ensino. Portanto, inquirir sobre sua ação político-educacional mostra que, mesmo agindo no âmbito político-institucional de um tempo de ditadura militar no país, mas longe dos grandes núcleos urbanos e dos próprios centros de poder, o frade lutou pela expansão do ensino público a ponto de encampar o projeto de “Capelas-Escolas”.

Ele fez mais: lecionou ensino religioso em diversas oportunidades, nas poucas escolas da rede pública que existiam na cidade e na escola das freiras (Santa Teresinha). Assim, pode-se dizer que Osvaldo Coronini exerceu variadas atividades educativas ao longo de sua trajetória em Imperatriz, que vão desde a supervisão do ensino das escolas primárias municipais até o projeto de “Capelas-Escolas”, passando pelo magistério do ensino religioso, o que atendia ao principal objetivo da Igreja, que era promover a educação da fé e, em última instância, catequizar e recrutar novos fiéis.

Ele dava aula de catecismo naquele tempo. No colégio Estado de Goiás ele dava aula também. Ensinava a rezar, a cantar, os mandamentos, rezar o terço; era assim. Os meninos sabiam os mandamentos da lei de Deus, da Igreja, sabiam o sacramento (Dona Maria Luísa).

No entanto, o frade não hesitou em deixar o cargo de inspetor de ensino quando se desentendeu com o prefeito Renato Cortez Moreira⁵ (1934-1993), que era do MDB (Movimento Democrático Brasileiro), historicamente criado “com remanescentes da dissolução dos partidos políticos em outubro de 1965”, no contexto das arbitrariedades da ditadura militar. Esse partido era uma das forças políticas que faziam oposição aos governos militares e, por extensão, à antiga Arena, partido que apoiava o regime militar. O MDB atuava, em tese, “na organização das massas em defesa das liberdades democráticas” (CUNHA, 2009, p. 23).⁶

Em meio aos novos contextos políticos locais, Osvaldo Coronini pediu exoneração do cargo de inspetor no dia 11 de março de 1972, por meio de uma carta endereçada ao prefeito Renato Moreira, alegando que sua convicção pessoal e religiosa não lhe permitia “aceitar imposições de pessoas que visam somente o bem particular e partidário, a prejuízo do bem comum e da educação do nosso povo”. Em outra carta, escrita em 13 de março de 1972, pode-se apreender vestígios do pivô dos

⁵ Renato Moreira, como é mais conhecido, assumiu o primeiro mandato de prefeito em 31/01/1970, encerrando em 31/01/1973; e o segundo mandato em janeiro de 1993, vindo a falecer no dia 6 de outubro do mesmo ano (SANCHES, 2003, p. 107-108). Renato Moreira foi vítima de um assassinato, ocorrido no primeiro Mercado de Imperatriz, localizado nas proximidades de sua residência, na parte antiga da cidade.

⁶ Em 1979, o governo promoveu a reforma da lei orgânica dos partidos políticos, dividindo a frente oposicionista. Assim, os agremiados do MDB criaram partidos mais alinhados com a corrente progressista (PT, PDT, PTB e PMDB) e outro mais conservador (PP). E os aliados do regime militar criaram o PDS.

conflitos: o novo governo municipal, segundo o frade, tinha garantido que não haveria perseguição política. Entretanto, transcorridos dois anos, somente professoras ligadas ao MDB eram indicadas pelo “chefe político” e não mais pelo frade-inspetor de ensino. Concomitantemente, foram exoneradas antigas professoras selecionadas por Osvaldo Coronini que, segundo ele, eram da Arena e esse era o principal motivo da demissão delas. Havia ainda boatos de que seria criada outra escola municipal em Coquelândia (onde Osvaldo residia) em oposição à escola dirigida pelo padre e com mais um agravante: a direção dessa escola seria delegada a uma professora protestante.

Evidentemente que Renato Moreira respondeu às cartas de forma contestatória e refutou as colocações de Osvaldo Coronini. Todavia, os argumentos do frade parecem ganhar força diante das revelações de outra carta, escrita por ele em 7 de abril de 1973 e dirigida ao diretor da Educação, professor Roberto Cassemiro Dias, em que agradece ao professor por tê-lo comunicado sobre a exoneração de Olga Borba do cargo de diretora e professora municipal, porém, expressa sua indignação.

Exonerar uma pessoa de reconhecida competência no ensino, a qual cursou a Escola Normal em Caxias,⁷ para dar lugar a pessoas semianalfabetas, penso que não seja sinal de grande progresso para o nosso Maranhão e não seja conforme os ideais da *gloriosa Revolução do ano de 1964* (ARQUIVO HISTÓRICO DOS FRADES CAPUCHINHOS DE SÃO LUÍS, 1973, grifo nosso).

De qualquer forma, essas controvérsias apontam as intrigantes e inusitadas relações sociais e de poder na trama cotidiana dos governos locais, permeadas por muitas disputas pelo campo educacional: padre *x* prefeito; lideranças alinhadas com Arena *x* MDB; católicos *x* protestantes. Também fica evidenciada a fragilidade das relações políticas nos interiores do Brasil, pautadas em práticas clientelistas, levando em conta que o MDB apregoava uma linha democrática, contudo, não era isso o que ocorria em Imperatriz, segundo as cartas de Osvaldo Coronini.

Por outro lado, a partir da documentação examinada, é possível indagar: o frade não era simpatizante de Renato Moreira ou do próprio MDB? Ou queria se eximir da tomada de posição política desde a campanha do então candidato Renato Moreira, quando recusou o convite para trabalhar nela? Seja como for, mais tarde, Osvaldo Coronini recebeu diploma do Exército brasileiro (1981) e comenda do governo do Estado e da Polícia Militar de São Luís (1982). E não se pode esquecer que ele usou a expressão “gloriosa revolução” na supracitada carta ao diretor de Educação de Imperatriz, referindo-se ao regime militar. Estaria agindo com diplomacia, como sugere um frade arquivista abordado informalmente, considerando que os padres estrangeiros temiam a deportação caso os militares não se agradassem deles?

Do ponto de vista ideológico, pode-se discutir quais pressupostos teórico-teológicos embasam a visão de mundo e as práticas socioeducativas de Osvaldo Coronini. Embora ele não se identificasse como um seguidor da Teologia da Libertação⁸ (essa questão não transparece em nenhum documento), sua prática parece fundamentar-se nas premissas também defendidas por essa teologia, que propõe a inter-relação da fé com a vida social e política. Além de investir nas “Capelas-

⁷ Provavelmente, frei Osvaldo está se referindo à Escola Normal das Irmãs Missionárias Capuchinhas, criada em 1949 e extinta em 1972, instituição de grande prestígio social na cidade de Caxias (MOURA, 2014).

⁸ Corrente ou escola teológica que apregoa a intrínseca relação entre religião e política na perspectiva de o cristianismo intervir na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Escolas”, em Coquelândia ele criou uma usina de arroz, que funcionava como uma cooperativa agrícola, e fundou um hospital (hoje, ambos estão desativados). Além disso, seja em Coquelândia, seja em qualquer outro lugar de Imperatriz, parte do seu tempo era dedicada à animação das famílias que lutavam pela posse da terra diante de ameaças de fazendeiros que chegaram ao lugar depois do povo e, mesmo assim, se autodeclaravam seus donos legítimos.⁹ Assumindo a posição de porta-voz dos posseiros, Osvaldo Coronini escreveu muitas cartas às autoridades locais e regionais; a seus olhos, com essa atitude denunciava os desmandos dos fazendeiros e exigia providências dos governantes.



Figura 1. Militares reunidos na casa paroquial dos Capuchinhos de Imperatriz – s.d., c. 1970¹⁰ Fonte: arquivo histórico dos frades capuchinhos de São Luís (MA).

Por todas as razões assinaladas, pode-se reconhecer Osvaldo Coronini como um frade-educador estrategista: “as estratégias são ações que, graças ao postulado de um lugar de poder” [a inspeção das escolas municipais por exemplo], “elaboram lugares teóricos” [como discursos e cartas] “capazes de articular um conjunto de lugares físicos” [como as Capelas-Escolas], “onde as forças se distribuem” (CERTEAU, 2009, p. 96). E como nessa acepção o poder é relacional, no caso das prováveis relações diplomáticas do frade com os militares, talvez valha para o capuchinho aquilo que Certeau também sugere: engenhosidades do “fraco” para tirar partido do “forte”...

⁹ Imperatriz iniciou seu processo de crescimento demográfico depois das migrações nordestinas, por ocasião da grande seca da década de 1950 (BELTRAMI, 1963). Grande parte dessa população ocupou as terras outrora pertencentes às populações indígenas (CABRAL, 1992; CARVALHO, 2006).

¹⁰ Segundo o arquivista e missionário italiano, frei Rogério Beltrami, no tempo da ditadura, um quartel militar chegou a funcionar esporadicamente na casa paroquial de Imperatriz, obrigando os frades a conviverem com esse tipo de situação abusiva em nome de uma relação diplomática.

O legado de frei Osvaldo

Ao que indicam os depoimentos,¹¹ o legado do frade vai bem mais além de benfeitorias físicas erguidas no pequeno povoado de Coquelândia (igreja, casa paroquial, hospital e usina de arroz). A luta por educação era, de fato, uma das prioridades do capuchinho que, além do projeto de “Capelas-Escolas”, coletava recursos financeiros junto a seus amigos italianos para destiná-los a bolsas de estudos para meninas e moças de “boa família”.

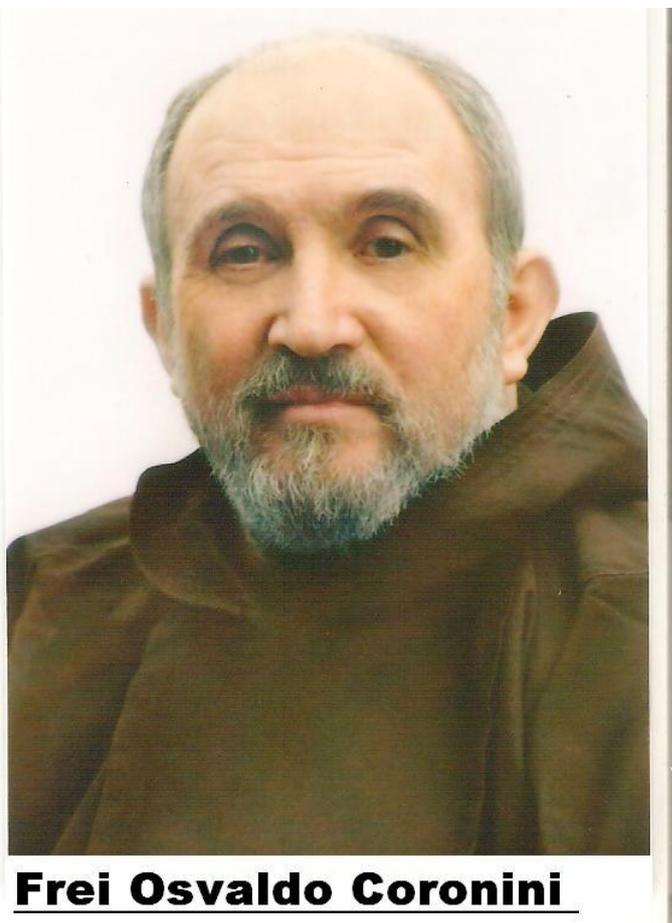


Figura 2. Frade-inspetor de ensino de imperatriz. Fonte: arquivo histórico dos frades capuchinhos de São Luís (MA).

Tanto os ensinamentos do frade quanto sua luta pela educação ainda permanecem vivos na memória desses moradores. Quem foi de alguma forma beneficiado pela ação do missionário conta que hoje valoriza a educação escolar e gosta de estudar.

¹¹ Sr. Francisco Henrique da Cunha, ex-tesoureiro da Igreja de Coquelândia; D. Maria Helena Marques Lopes, ex-aluna, hoje gestora educacional; D. Almerinda Pereira Nunes, ex-professora leiga que trabalhou em uma das “Capelas-Escolas” da época; e D. Cândida Carvalho Batista, ex-bolsista. Foi contatada também Maria Luísa Coelho Brandão, ex-professora normalista que auxiliava o frade na formação das professoras leigas. Todos eles conviveram com o Osvaldo Coronini nas décadas de 1960 e 1970 e permaneceram em contato com ele até sua morte, em 2008.

Ele se interessava; ele incentivava o povo, incentivava muito. No tempo do frei Osvaldo a coisa era outra. Ativou muito, melhorou muito a escola (Sr. Francisco Henrique).

Então ele falou para Toinha, que era a moça catequista, que procurasse uma menina no meio daquela quantidade de mocinhas que tinha lá, alguém que fosse interessada também em estudar, de famílias boas, família comportada e tudo. Então, no meio dessa escolha toda, fui a escolhida. Tudo que eu sou eu devo a ele. Porque também se não tivesse sido ele, eu estaria no interior, talvez já tivesse até morrido, como muitas das minhas amigas da época já não existem mais, problemas de saúde e tudo (Dona Cândida).

Frei Osvaldo era tudo para a região. Ele não se apaga no coração de ninguém. Meu pai era trabalhador dele; ele ajudou nós todos, na época, a estudar em Imperatriz. Eu sou semente dele (Dona Maria Helena).

É possível que o incentivo recebido do capuchinho para que valorizassem os estudos e a ajuda financeira que possibilitou a conclusão do ensino primário e, posteriormente, do ginásio em escolas particulares, tenham contribuído para que algumas mulheres optassem pela carreira docente. Atualmente, duas delas são gestoras educacionais, sendo uma de escola particular que leva o nome do religioso (Educandário Frei Osvaldo) e outra de escola pública (Escola Dom Pedro I), que funciona no povoado de Coquelândia. Em suma, as memórias detêm a imagem de um frade que se preocupava muito com a educação do povo, se interessava pelo desempenho de suas bolsistas e providenciava material didático para as professoras leigas, especialmente quando exerceu a função de inspetor de ensino.

Ele era tão responsável, que cada bimestre eu e minhas duas amigas que também ele era responsável por elas, nós íamos levar o nosso boletim para ele assinar [...]. Olhava tudo. Quando a gente fracassava um pouquinho, ele dizia: “Ora, ora, você não pode tirar uma nota dessa!” (Dona Cândida).

Ele trazia livros, caixas de livros [...]. Tinha aquele Nosso Tesouro, era um livro que tinha tudo: matemática, português... Aí ele falava que a gente tinha [que usar] aqueles livros assim em conjunto, porque pra vir muitos livros era mais difícil pra nós. Ele explicava que nós deveríamos trabalhar com aquele livro [...] se reunia com os professores; trazia merenda, as primeiras merendas que entraram aqui foram trazidas por ele (Dona Almerinda).

Atualmente, em praticamente todos os povoados onde Osvaldo Coronini trabalhou como missionário (Coquelândia, Lagoa Verde, Cidelândia e muitos outros), há escolas públicas, o que evidencia a relevante parcela de contribuição do frade para diminuir o índice de analfabetismo do lugar. É interessante destacar ainda que, em algumas localidades, segundo os depoimentos, boa parte das professoras leigas prosseguiu os estudos e exerceu a profissão nas décadas seguintes, vindo a se aposentar nessa função.

As juvenzinhas iam se desenvolvendo e a gente ia colocando elas como professoras, essas meninas que hoje são essas professoras que estão se aposentando. Aparecida, Maria Oneide e Gorete, todas foram formadas dentro desse tipo de coisa que a gente iniciou. Tinha catequese, livro. Ele trazia livro, os primeiros livros bons que nós trabalhamos foi com ele (Dona Almerinda).

O legado de Osvaldo Coronini pode ser captado também nas representações políticas dessas professoras, que reconhecem terem aprendido a lutar pelos seus direitos a partir da convivência com ele. É o caso da gestora da escola pública, que em 2008 conseguiu que o ensino médio fosse implantado em Coquelândia, beneficiando cerca de 100 jovens que estudam no período noturno. Digno de nota: essa escola é municipal, mas a gestora conseguiu fazer um convênio com a Secretaria de Estado da Educação para implantar o ensino médio, evitando assim que os estudantes se desloquem para estudar em Imperatriz, que fica a 40 quilômetros de distância do povoado.

Em se tratando do legado de Osvaldo Coronini, um outro fator não pode deixar de ser considerado: o missionário é exemplar a partir de sua ação educativa, pois assumiu um cargo político em benefício das escolas públicas, ao contrário da maioria dos capuchinhos italianos, que também colaboraram com a alfabetização do povo, mas por meio das escolas paroquiais. Provavelmente, é por essa razão que os depoentes dizem, sem exceção, que ele era especial. Ou seja: se tornou crível e, assim, conseguiu manter a adesão de seus fiéis, animando suas representações e convicções de religião ao tempo das longas durações.

Comecei a trabalhar com esses quinze meninos [...]. Então, me deram esse direito de trabalhar e com esse direito eu fiquei até hoje, porque eu não estou trabalhando na escola, mas eu trabalho na igreja, abro a igreja, fecho a igreja, oro mais as irmãs e ainda hoje trabalho (Dona Almerinda).

E como é impossível separar o religioso do educador, talvez por esse aspecto se possa entender melhor a renúncia de Osvaldo Coronini ao ofício de inspetor do ensino, quando mudaram os rumos políticos partidários de Imperatriz e práticas clientelistas parecem ter assolado a educação. Recorre-se, mais uma vez, às ideias de Michel de Certeau (2010, p. 29-30) para se compreender a cosmovisão do frade:

Muitas instituições parecem abandonadas exatamente por aqueles que se querem fiéis a uma exigência da consciência, da justiça ou da verdade. Aquele que emigra [e Osvaldo emigrou do cargo de inspetor], por vezes com grande barulho e protestos [ele apenas escreveu duras cartas ao prefeito], porém o mais das vezes silenciosamente e como uma água a escorrer, é a *adesão* – a dos cidadãos, a dos filiados a um partido ou a um sindicato, a dos membros de uma Igreja. O próprio espírito que animava as representações as abandona. Ele não desapareceu. Está em outro lugar, no estrangeiro, longe das estruturas que sua partida transforma em espetáculos lamentáveis ou em liturgias de ausência. (grifo do autor)

Em outras palavras, Osvaldo Coronini não deixou de investir na educação. O trabalho de angariar fundos para bolsas de estudos prosseguiu quando ele foi transferido para outros lugares do Maranhão. Na verdade, ele assumiu esse ofício até sua morte (na Itália, sua terra natal), conforme atesta sua correspondência com as pessoas da comunidade de Coquelândia e de Imperatriz (há cartas do povo nos arquivos dos frades; há cartas de Osvaldo na casa do povo).

Considerações finais

As conclusões apontam que Osvaldo Coronini tornou-se uma figura de destaque na comunidade imperatrizense e aproveitou a função de inspetor municipal de ensino para promover a alfabetização e a catequese (ensino religioso) em todas as escolas pelas quais era responsável, repetindo, assim, uma prática observada em escolas paroquiais e em outras atividades desenvolvidas pelos capuchinhos com crianças e jovens no Maranhão. Ao mesmo tempo, o frade parece ter tirado proveito dessa situação, pois na ausência de catequistas para o ensinamento da doutrina católica nas capelas, as próprias professoras contratadas cumpriam essa função, no tempo escolar e não escolar. O governo também lucrou, considerando-se a carência de profissionais qualificados ou disponíveis para trabalhar no interior do estado e a urgência de ampliar as escolas primárias na zona rural.

Outro acento diz respeito à metodologia adotada pelo frade que, enquanto inspetor, também chama a atenção, já que o acompanhamento às professoras ocorria a partir de encontros mensais, a fim de dar orientações específicas por meio de palestras ministradas por ele, que tinham como objetivo atender às necessidades diagnosticadas em cada instituição de ensino, além de buscar conhecer de perto os problemas vivenciados nas escolas e possibilitar a troca de experiências entre as professoras. Uma concepção de supervisão que, se comparada com as propostas adotadas no ensino regular da época, em Imperatriz e em outros municípios do interior do Maranhão, pode ser considerada inovadora. Também é notável o fato de que muito antes da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996), reconhecer as demandas da educação no campo e preconizar que o calendário escolar deve “adequar-se às peculiaridades locais, inclusive climáticas e econômicas” (BRASIL, 1996, art. 23), Osvaldo Coronini organizava o ano letivo das escolas da zona rural de acordo com a rotina de trabalho agrícola das famílias.

Enfim, pela leitura dos vários documentos, enriquecida com a escuta dos depoimentos, percebe-se que a atuação de Osvaldo Coronini na área educacional atendeu aos anseios da população do lugar e contribuiu para que a educação escolar fosse democratizada durante o período de seu mandato como inspetor de ensino, oferecendo educação gratuita não apenas para crianças e jovens, mas também para adultos, em salas de aula que funcionavam no período noturno. Pode-se dizer que a prática educativa adotada por ele tornou possível o acesso de um número cada vez maior de pessoas à alfabetização.

Desse modo, as estratégias político-pedagógicas do frade-inspetor favoreceram uma significativa parcela da comunidade local. Mas, devido a contendas políticas, seu trabalho não teve continuidade. Assim, os motivos que levaram o frade a renunciar ao cargo de inspetor de ensino indicam que as políticas educacionais de Imperatriz estavam à mercê do governante municipal e imbricadas com práticas de clientelismo. É um exemplo de que a contribuição dos capuchinhos italianos, desde fins do século XIX, com a implantação de escolas paroquiais, apoio às escolas públicas e criação de outros tipos de instituições educativas em todos os cantos do estado maranhense, se deu em meio a muitas labutas e embates.



Figura 3. Povoado de Coquelândia – 1975. Fonte: Arquivo histórico dos frades capuchinhos de São Luís (MA).

Finalmente, deve-se reconhecer que, mais de 40 anos depois de ter deixado a região onde atuou como inspetor de ensino, ainda são visíveis os vestígios do legado de Osvaldo Coronini, pois os traços de sua ação educativa podem ser vislumbrados nos depoimentos de lideranças comunitárias e de ex-alunas (hoje professoras), que melhoraram sua qualidade de vida em consequência do incentivo ao estudo que receberam do missionário e seguem reinventando os saberes apropriados e a própria vida...

Referências

ARQUIVO HISTÓRICO DOS FRADES CAPUCHINHOS DE SÃO LUÍS (MA).
Pastas e cartas avulsas de frei Osvaldo Coronini: 1932-2008.

ARQUIVO HISTÓRICO DOS FRADES CAPUCHINHOS DE SÃO LUÍS (MA).
Fotos históricas.

BELTRAMI, R. OFMC. *Dieci anni nel polígono della siccità*. Milano: Missioni Estere dei Cappuccini, 1963.

- BOURDIEU, P. Le capital social. Notes provisoires. *Actes de la recherche en sciences sociales*, v. 31, n. 31, p. 2-3, 1980.
- BRASIL. Presidência da República. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*: Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, 1996.
- CABRAL, M. do S. C. *A colonização do sul do Maranhão*. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 1992.
- CARVALHO, C. *O sertão*: subsídios para a história e a geografia do Brasil. Imperatriz: Ética, 2006.
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano*: artes de fazer. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. v. 1.
- CERTEAU, M. *A cultura no plural*. 6. ed. Campinas: Papyrus, 2010.
- CUNHA, L. A. *Educação, Estado e democracia no Brasil*. São Paulo; Niterói: Cortez; Universidade Federal Fluminense, 2009.
- GINZBURG, C. *O queijo e os vermes*: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Enciclopédia dos municípios brasileiros*. Rio de Janeiro: IBGE, 1959.
- IGREJA DE COQUELÂNDIA. *Livro de Crônicas de Coquelândia*: 1968-1975. Cópia manuscrita.
- IMPERATRIZ. Prefeitura do Município de Imperatriz. Decreto n. 2, de 13 de abril de 1935a. In: *Livro de Portarias*: 1932-1936. Cópia manuscrita.
- IMPERATRIZ. Prefeitura do Município de Imperatriz. Decreto n. 4, de 23 de agosto de 1935b. In: *Livro de Portarias*: 1932-1936. Cópia manuscrita.
- IMPERATRIZ. Prefeitura do Município de Imperatriz. Decreto n. 10, de 5 de janeiro de 1936a. In: *Livro de Portarias*: 1932-1936. Cópia manuscrita.
- IMPERATRIZ. Prefeitura do Município de Imperatriz. Decreto n. 12, de 1 de junho de 1936b. In: *Livro de Portarias*: 1932-1936. Cópia manuscrita.
- IMPERATRIZ. Prefeitura do Município de Imperatriz. Lei n. 90, de 27 de fevereiro de 1957a. In: *Leis, Decretos e Portarias do Município de Imperatriz*. Pastas avulsas: 1950-1959. Cópia manuscrita.
- IMPERATRIZ. Prefeitura do Município de Imperatriz. Lei n. 111, de 1 de outubro de 1957b. In: *Leis, Decretos e Portarias do Município de Imperatriz*. Pastas avulsas: 1950-1959. Cópia manuscrita.
- MARANHÃO. Mensagem à Assembléia Legislativa. Governador José Sarney Costa, 1967.

MARANHÃO. Mensagem à Assembléia Legislativa. Governador José Sarney Costa, 1968.

MARANHÃO. Mensagem à Assembléia Legislativa. Governador Pedro Neiva de Santana, 1972.

MOURA, S. B. de. *Colégio São José e a formação de professoras normalistas em Caxias, Maranhão: formando para Igreja, para a pátria e o lar (1949-1972)*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2014.

SANCHES, E. *Enciclopédia de Imperatriz: 150 anos (1852-2002)*. Imperatriz: Instituto Imperatriz, 2003.

Recebido para publicação em 28-08-16; aceito em 29-09-16